

PAULO VINICIUS COELHO

TÁTICA MENTE

A história das Copas explicada pelas cabeças e
pranchetas dos treinadores



© Paulo Vinicius Coelho

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Projeto gráfico, diagramação e capa
Carolina Ferreira

Diretora comercial
Patty Pachas

Preparação
Juliana de Araujo Rodrigues

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Revisão
Sérgio Miranda Paz

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Impressão
Corprint

Assistentes editoriais
Lucas Santiago Vilela
Mayara dos Santos Freitas

Assistentes de arte
Carolina Ferreira
Hellen Cristine Dias
Mario Kanegae

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Coelho, Paulo Vinicius
Tática mente / Paulo Vinicius Coelho. – 1. ed. – São Paulo: Panda
Books, 2014.168 pp.

ISBN: 978-85-7888-344-7

1. Futebol. 2. Jogadores de futebol – Brasil. I. Título.

14-08776

CDD: 796.334

CDU: 796.332

2014

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Apresentação	5
Revolução!	9
A bola é total	13
Perder como em 1982 ou... ..	19
... Ganhar como em 1994?	25
O outro lado	31
O pai do 4-2-4.....	35
O nascimento do 4-2-4.....	39
Ideias demais, futebol de menos.....	43
A formiga e a cigarra.....	47
A volta dos pontas	53
A experiência da derrota.....	59
Os menottistas	65
Silêncio sobre o 3-5-2	71
Os Onze da Breslávia	75
O Milagre de Berna.....	81
Ganhar assim é melhor.....	85
O reino do toque de bola	91
A África existe	97
A bola laranja.....	101
Ferguson e a Copa do Mundo.....	105
Tiki-taka	111
O centro-médio.....	117
Os bilardistas	123
Socorro! Um líbero?!	129
O WM torto.....	135
O lado A... Azul.....	141
O nascimento do 4-4-2.....	145
Três zagueiros	151
Quadrado trágico.....	157
A maldição do bi.....	163
Referências bibliográficas.....	167

APRESENTAÇÃO

Atática mente. Não explica totalmente a vitória de um time em um jogo ou em uma Copa do Mundo. Normalmente, é responsável por uma parcela da vitória. Há quem diga que quem superestima a parte tática subestima o acaso. Não é assim. Veja o último gol, marcado por Carlos Alberto, na vitória por 4 X 1 contra a Itália, na final da Copa de 1970.

Tostão estava lá atrás, desarmando, o que significa que o time trabalhou para todos participarem das ações defensivas. É parte do desenho do time. Então, Tostão rouba a bola na lateral esquerda e recua-a para Clodoaldo, que dá três passadas do pé sobre a bola. Perder o domínio seria um perigo. Dali para Rivellino e o lançamento para Jairzinho na ponta esquerda.

A Itália marcava homem a homem e isso mantinha o lateral esquerdo, Facchetti, deslocado para acompanhar Jair do lado oposto do campo, deixando espaço para Carlos Alberto finalizar.

Pelé recebe de Jairzinho e rola a bola macia. E ela, caprichosa, bate num morrinho e sobe um centímetro, o suficiente para Carlos Alberto acertar uma bomba.

O desenho da jogada foi fundamental. Mas e a bola ter resvalado num morrinho?

É o acaso. E como analisá-lo? Impossível!

Ninguém desconsidera essas possibilidades. Times históricos foram formados por pensar nas características dos jogadores, nos estilos de cada época e também no acaso.

Eu sempre colecionei camisas de futebol. Um dia, além delas, comecei a aproveitar as viagens profissionais para comprar livros da área, que estão repletos de casos assim. Colecionei também histórias que explicam as montagens das seleções nacionais. Como a Brauslen Elf, a Seleção Alemã dos anos 1930, formada quando Hitler mandou encostar o técnico Otto Nerz, porque a partida a que foi assistir, pelo torneio olímpico de futebol das Olimpíadas de 1936, terminou com uma derrota alemã para os noruegueses.

E justamente dois dias depois de o norte-americano Jesse Owens ganhar a prova dos cem metros no estádio Olímpico de Berlim. Foi por isso que Sepp Herberger assumiu a Seleção Alemã e iniciou a equipe campeã mundial 16 anos depois.

Este livro tem tudo junto. O acaso, a tática, as histórias. Tem um pouco do que você talvez tenha aprendido a ler às segundas-feiras – e antes às quintas – na coluna chamada “Prancheta do PVC”, criada no diário *Lance!*, já publicada nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*.

O critério, às vezes, é nenhum critério. Ou escolher histórias curiosas, inusitadas e desconhecidas. Ou discutir se os sistemas mais conhecidos nasceram onde você pensa que nasceram – como o 3-5-2, usado pela Itália timidamente na vitória sobre o Brasil em 1982.

A ideia é ter uma história para contar. Uma história apurada, com uma pauta que saia da cabeça e contenha uma visão tática sobre o jogo de futebol.

Tática mente.
Mas nem sempre.
Tática e mente!
As duas coisas juntas, a cabeça e o campo, contam bastante da
história das Copas.
E é isso o que este livro procura mostrar.

Divirta-se!
Paulo Vinicius Coelho (PVC)

Revolução!

A dramática epopeia do tricampeonato Brasil na Copa de 1970

De tudo o que se escreveu sobre a campanha do terceiro título brasileiro, só o texto escrito por João Máximo e publicado na edição 833 da revista *Placar*, em 12 de maio de 1986, contém este adjetivo: “dramática!”.

Mas como pode ter sido dramática, se o Brasil venceu todas as seis partidas que disputou e no final ergueu a taça Jules Rimet? Mas como, se a seleção de Zagallo, Pelé e Jairzinho foi eleita em enquete da revista inglesa *World Soccer* a melhor de todas as Copas do Mundo?

“Topo!”

As quatro letras poderiam servir para explicar o significado de quem aceita explicar o inexplicável. Mas são as quatro letras com que João Máximo começa a descrever a campanha do tri, no México.

“Topo!” foi como João Saldanha aceitou assumir a Seleção Brasileira depois do fracasso no Mundial da Inglaterra. O supervisor da

Seleção, Antônio do Passo, fez-lhe o convite. Saldanha respondeu ao seu estilo:

“Topo!”

Saldanha estava afastado do futebol havia dez anos, desde 1960, quando foi dispensado do cargo de técnico do Botafogo. Voltou à função de conselheiro e no ano seguinte assumiria um cargo de comentarista esportivo na Rádio Guanabara.

Muita gente pensa que João Saldanha foi um jornalista que se transformou em técnico. Não aconteceu assim. Saldanha era dirigente do Botafogo numa excursão pelo Brasil em 1957. O técnico Geninho, empossado no lugar de Zezé Moreira para um período de experiência meses antes, julgou que poderia pedir muito e renovar contrato. Faltavam dois meses para o início do Campeonato Carioca, dias para a excursão começar, e o presidente Paulo Azeredo respondeu a Geninho, o ídolo da torcida, campeão carioca de 1948: “Não!”.

Saldanha saltou de diretor para técnico num piscar de olhos e apenas três contos de réis por mês.

Pretendia permanecer apenas durante o Campeonato Carioca de 1957, mas uma incrível goleada por 6 X 2 sobre o Fluminense, com cinco gols de Paulinho Valentim, rendeu-lhe o título estadual e o convite para permanecer. Ficou até 1960.

Quando deixou o time, sua mulher na época, Ruth, conseguiu com o irmão jornalista Ruy Viotti um emprego na Rádio Guanabara. De comentarista ao reinício como treinador, dez anos mais tarde, não seria fácil. Os amigos lhe abriram os braços e os inimigos torceram o nariz.

Saldanha nunca foi unânime e não apenas por ser comunista. Também por seu estilo e pelas suas convicções como treinador, algumas ultrapassadas para o início da década de 1970.

Segundo João Havelange:

“ João Saldanha foi um grande jornalista e um excelente analista de futebol, mas não tinha as mesmas excepcionais qualidades como técnico, e isso foi comprovado durante a preparação da Seleção com vistas à Copa do Mundo de 1970. ”

Que Havelange tenha tido interesses escusos na demissão é de se considerar. Mas e se Saldanha tivesse permanecido? A Seleção ganhou todas as seis partidas das eliminatórias da Copa do Mundo, marcou 23 gols e sofreu dois. Então, perdeu um amistoso contra o Atlético Mineiro. E outro, em março de 1970, contra a Argentina, em Buenos Aires.

E caiu depois de um empate num jogo-treino contra o Bangu. Esqueça as questões políticas, seu relacionamento diferente com comunistas e militares. Pelos resultados, pela lógica do século XXI, não se pode dizer que a demissão foi justa. Não foi!

Zagallo assumiu a Seleção.

“Observamos a maneira como a equipe estava jogando e percebemos que naquele 4-2-4 não dava”, disse Zagallo ao programa *Bola da vez*, da ESPN Brasil, em setembro de 1998.

Também é injusto dizer que Zagallo não fez nada para montar a equipe tricampeã mundial. Fez.

Transformou Piazza em quarto-zagueiro para fixar Clodoaldo como volante; escalou Everaldo no lugar de Marco Antônio, um mérito mesmo considerando os conselhos dos jogadores mais veteranos – saber ouvir é para poucos; deu a camisa 11 a Rivellino e montou um 4-3-3.

Acima de tudo, convenceu todos os jogadores a voltarem para marcar, exceção feita a Tostão, o centroavante que não precisava voltar ao campo de defesa.

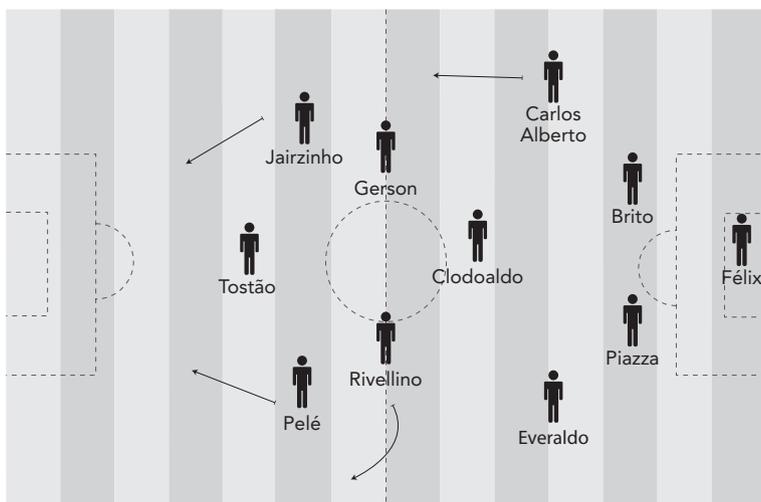
Também fez sua equipe jogar no contra-ataque. Não era um time que atraía o adversário apenas para contra-atacar. Mas dos 19

gols da Seleção de 1970, 15 nasceram de bolas rápidas saindo da defesa para o ataque.

Todos marcavam e quase todos atacavam. O volante Clodoaldo, autor do primeiro gol contra o Uruguai, invertia com Gérson em situações especiais. Carlos Alberto, o lateral-direito, autor do gol da taça, nos 4 X 1 sobre a Itália, via a bola correr por todo o campo, finalizava e sempre aparecia no ataque.

Pelé disputou a melhor de suas quatro Copas do Mundo, infinitamente melhor do que a de 1958, melhor até do que na de quatro anos antes. Seu mérito: correr o campo inteiro.

Se o torcedor comparar com a Holanda de quatro anos mais tarde, verá com certeza absoluta: o Brasil de Zagallo teve responsabilidade sobre o estilo da Laranja Mecânica.



Sistema: 4-3-3

Técnico: Mário Jorge Lobo Zagallo

A bola é total

Holanda na Copa de 1974

O trabalho de dois técnicos marca a história da Holanda: Jack Reynolds, que atuou na década de 1940, e Vic Buckingham, nos anos 1960.

Não se pode dizer que Reynolds tenha sido um pioneiro do Futebol Total. Mas foi um dos primeiros a incentivar a posse de bola como princípio para o controle da partida. Reynolds passou 32 anos de sua vida, entre 1915 e 1947, ensinando aos holandeses como se movimentar em campo e preservar a bola.

Já o técnico inglês Vic Buckingham fez mais do que lançar Johan Cruyff aos 17 anos na equipe principal do Ajax, em 1964. Em sua primeira passagem pelo clube de Amsterdã, Buckingham ajudou os holandeses a conhecerem uma palavrinha com a qual se identificariam no futebol: “tática”.

Apesar das inovações de Reynolds e Buckingham, a Holanda insistia em jogar no velho e surrado 2-3-5, aposentado em vários países desde os anos 1930.

Buckingham chegou a Amsterdã em 1959, um ano depois de o Brasil ter conquistado o planeta com o sistema 4-2-4. Mas ainda

mantinha o seu velho esquema e, ainda assim, o Ajax conquistou o campeonato de 1960, com 3,2 gols por partida, em média – não se pode dizer que se praticava futebol de alto nível em território holandês naquela época.

Antes, sob o mesmo conceito, Jack Reynolds usava frases que seriam mais tarde atribuídas a Carlos Alberto Parreira, nos anos 1990, ou a Pep Guardiola, nos 2010: “Se você tem a bola, eles não podem fazer gols”.

O britânico Buckingham, mais jovem, era um sujeito fechado, fleumático, sisudo. Seus times, não. Prezavam o toque de bola, muito mais do que o histórico estilo *kick and rush* – de lançamentos longos para correr atrás da bola, praticado na Inglaterra. Ele deixou o Ajax em 1961, passou duas temporadas no Sheffield Wednesday e retornou para mais um ano. Passou mais metade de um turno jogando no arcaico WM e, com o Ajax brigando para não ser rebaixado, foi demitido.

Rinus Michels abdicou de sua carreira de centroavante, em 1958, e foram os times de Vic Buckingham que serviram de referência para ele quando se assumiu como técnico do Ajax.

Michels mudou o sistema tático e o estilo do time. “Era o mais disciplinador que já vi. Até do assistente técnico ele pegava no pé”, conta o atacante Swart. Foi no 4-2-4, já um pouco ultrapassado depois da vitória da Seleção Brasileira na Copa do Mundo do Chile inaugurando o 4-3-3, que o Ajax estreou na Copa dos Campeões da temporada 1966/67. No ataque: Swart, Cruyff, Keizer e Nuninga.

O Liverpool, campeão inglês duas vezes em três temporadas após o retorno à primeira divisão em 1964, viajou com discurso arrogante para Amsterdã, para a segunda fase da Copa dos Campeões. Falou mesmo em trucidar o Ajax marcando pelo menos sete gols. O jogo teve seis. Cinco dos holandeses. Em quarenta minutos, o Ajax vencia por 4 X 0. O jogo terminou com 5 X 1.

A confirmação da classificação para a terceira fase com um empate na Inglaterra por 2 X 2 deu aos holandeses um confronto contra o forte Dukla Praga, da Tchecoslováquia. Não passaram de um empate por 1 X 1 em Amsterdã e perderam a vaga com uma derrota por 2 X 1 fora de casa, gol contra de Soetekouw a três minutos do apito final.

Michels percebeu nesse momento que já não fazia sentido jogar com quatro atacantes. Nasceu então o 4-3-3 holandês.

Nos anos 1980, contava-se que o Futebol Total da Copa de 1974 teria nascido de uma conversa de Cruyff e Michels à beira da piscina. Relaxados debaixo do sol, os dois teriam percebido como o vento produzia ondas na água, e cada ondinha percorria todo o espaço da piscina. Ideal seria repetir esse movimento em campo. Michels tinha um conceito semelhante ao de outros treinadores, como Vic Buckingham, de que os jogadores deveriam saber executar todas as funções.

Depois da eliminação em Praga, o Ajax classificou-se para a decisão da Copa dos Campeões contra o Milan, em 1969, não disputou o torneio seguinte por não ter sido campeão nacional no ano anterior e completou a última temporada de Michels no comando com o título europeu.

No ano seguinte, Stefan Kovacs assumiu o comando e manteve a movimentação constante e o sistema 4-3-3. Rinus Michels transferiu-se para o Barcelona em 1971 e levou Johan Cruyff para a Catalunha duas temporadas mais tarde. Kovacs levou o Ajax ao tricampeonato europeu, Michels e Cruyff juntos tiraram o Barça de uma fila de 14 anos sem taças. Também ensinaram os espanhóis a jogar com posse de bola e movimentação; fundamentos da escola holandesa.

Quando assumiu a seleção da Holanda, apenas três meses e três amistosos antes da Copa do Mundo da Alemanha de 1974, bastava manter a base do Ajax, trazer Cruyff, do Barcelona, e torcer para ter química.

Deu certo!

Um empate contra a Áustria por 1 X 1, uma goleada de 4 X 1 sobre a Argentina e um empate em 0 X 0 com a Romênia.

Quando a Holanda estreou no Mundial trucidando o Uruguai, mas vencendo por apenas 2 X 0, Kovacs já estava demitido, acusado de ser bonzinho demais com os jogadores do Ajax. Michels era duro, sério, tático e profissional. Kovacs nunca mais teve sucesso no futebol. Michels foi campeão espanhol pelo Barcelona, voltou a vencer pelo Ajax e conquistou o vice-campeonato mundial pela Holanda em 1974 e a Europa em 1988.

Do suposto encontro na piscina para discutir tática, Cruyff passou a ser acusado de uma festa privada na piscina do hotel. Os jogadores teriam levado prostitutas para o setor reservado à equipe e isso, durante anos, serviu de acusação depois da derrota da Holanda para a Alemanha. Mais fácil dizer que os alemães entenderam como os holandeses jogavam.

A Holanda sofreu pênalti antes de a Alemanha tocar a bola na final do Mundial de Munique. “Queríamos brincar em cima dos alemães”, confidencia o ponta Rep no livro *Brilliant orange* [Laranja brilhante], de David Wimmer. O time holandês perdeu a chance de marcar o segundo e em pouco tempo Cruyff estava controlado pela marcação do lateral Berti Vogts, escalado como zagueiro.

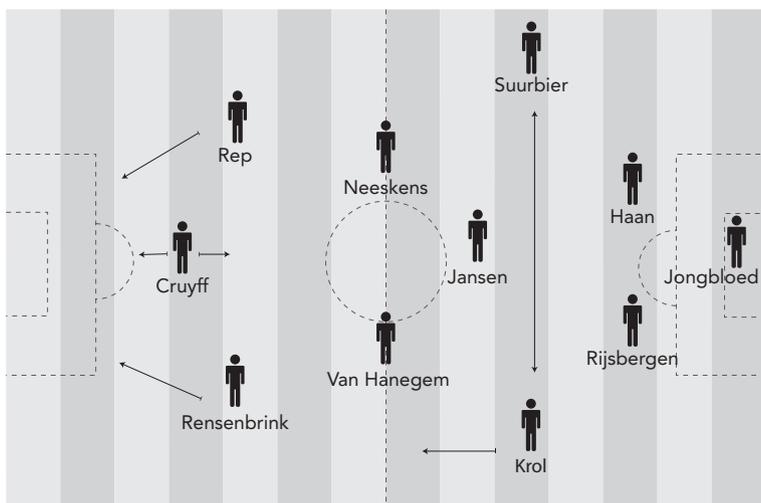
Em seguida, o ponta-esquerda da Alemanha, Hölzenbein, avançou e sofreu pênalti de Jansen. A Alemanha empatou e seguiu marcando forte. A Holanda estava paralisada. Não se movia, não era o Futebol Total, não era nem sequer o 4-3-3 do princípio de Rinus Michels no Ajax. Neeskens poderia ajudar, mas Bonhof o aniquilava na marcação.

E não apenas isso. Dois minutos antes do final do primeiro tempo, Bonhof avançou pela direita e fez o cruzamento para Müller marcar.

Bonhof marcava e avançava.

Por um período de 45 minutos que valeu a vitória na Copa do Mundo, isso foi Futebol Total para os alemães.

A Holanda ficou na história, nos livros e passou a figurar no mapa do futebol mundial. Antes, os holandeses só haviam jogado Copas do Mundo em 1934 e 1938. Ainda estavam crus para serem os vencedores.



Sistema: 4-3-3

Técnico: Rinus Michels

Perder como em 1982 ou...

Brasil na Copa de 1982

O dilema perder como em 1982 ou ganhar como em 1994 tem variáveis mundo afora. Os argentinos, por exemplo, perguntam se é melhor jogar no ataque como Menotti, o técnico campeão mundial em 1978 ou, pragmaticamente, como com Carlos Bilardo, do título de 1986.

Mas o dilema 1982 ou 1994 no futebol brasileiro é falso. E o que confirma isso é a contratação de Telê Santana para técnico da Seleção, em fevereiro de 1980.

O Brasil vinha de duas Copas do Mundo péssimas. Nada como o fiasco de 1966, na Inglaterra; campanhas com um futebol sem graça, insosso e defensivo.

“Desculpe, seu Zagallo, mexe nesse time que tá muito fraco...”, cantava Luiz Américo, em 1974.

Em 1978, o título moral comemorado por Cláudio Coutinho foi iro-nizado no Brasil. Um ano e meio depois, num jogo de quartas de final do Brasileirão, o Flamengo, dirigido por Coutinho – que acumulava o cargo na Seleção – enfrentou o Palmeiras, treinado por Telê Santana.

O Flamengo tinha Zico, Adílio, Júnior, Cláudio Adão... mas não era visto como um time espetacular naquele período. O Palmeiras tinha Beto Fuscão, Pedrinho, Mococa, Jorginho e Jorge Mendonça. Sem estrelas, aniquilava um adversário após o outro com goleadas incríveis. Em um mês, o Palmeiras fez 5 X 1 no Santos, 4 X 0 na Portuguesa, 5 X 1 no Comercial e no São Bento, antes de enfrentar o Fla, no Maracanã, em 9 de dezembro de 1979.

Quarenta dias antes, a Seleção havia sido eliminada da Copa América no Maracanã com um empate por 2 X 2 com o Paraguai. O ódio a Coutinho estava quente e mais acentuado entre os paulistas que alimentaram o duelo Coutinho X Telê.

A goleada palmeirense por 4 X 1 definiu a contratação de Telê. Seria a volta do futebol-arte contra o jogo baseado no preparo físico que se atribuía a Coutinho.

Telê estreou em junho do mesmo ano de 1979 com vitória por 2 X 0 sobre o México e uma semana depois sofreu seu primeiro revés, derrota por 1 X 2 para a União Soviética no Maracanã. Houve críticas e perdão. A Seleção iniciava um trabalho diferente. Chamava-se seleção permanente, ou seja, o time se reuniria uma vez por mês, em média, como as principais seleções da Europa. Diferente do período em que o time só se encontrava antes de competições oficiais ou excursões, disputava meia dúzia de partidas, dissolvia-se e voltava a se encontrar um ano depois. Pela lógica anterior, era um time de momento. Numa seleção dita permanente, era importante a continuidade.

A nova direção da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), do presidente Giulite Coutinho, também fez a Seleção rodar o país. Vitória sobre o Chile em Belo Horizonte, empate com a Polônia em São Paulo, 1 X 0 na Espanha em Salvador. Em um ano e meio, o time só perdeu uma vez depois da União Soviética, para o Uruguai na final do Mundialito – torneio comemorativo dos cinquenta anos da Copa do Mundo, disputado no Uruguai em 1981. Invariavel-